

## O muro invisível entre nós.

Ele sai de casa. Bate a porta com raiva. Anda rápido pelo lado direito do corredor do condomínio. Bate com o punho na parede. Bate com o punho na porta vizinha. E na outra. E na outra.

Ele anda com raiva. Inconformado. Esbarra em uma pessoa. Segue seu caminho.

Ela sai de casa. Deixa a porta fluir lentamente até o trinco encontrar o fecho. Anda pelo lado esquerdo do corredor do condomínio onde mora. Em cada porta que passa deixa um enfeite de maçaneta. Enfeite feito por ela.

Ela anda com delicadeza. Milimétrica em cada passo. Ela está ansiosa por algo.

- O Relógio da cidade bate às cinco -

Ele se senta do lado esquerdo do banco branco sob a fina sombra do Pinheiro.

Ela se senta do lado direito.

Ambos olham para o lado.

- Você tá aí? - ela pergunta.

Por um breve momento ele ri. Querendo ou não, aquilo ainda era uma situação engraçada. Engraçada e estranha.

Mas logo ele volta a ficar sério e responde:

- Sim. Pontualmente...

- Ao poente... - ela completa sua fala. Após um tempo diz: - Sua voz tá estranha... Aconteceu algo?

Silêncio. Dele.

A grama seca sob o par de pés dos dois. Um verde desbotado.

- A sua voz está doce. Como está o tempo aí? - disse ele.

- Nublado o dia todo. Mas consigo ver o Sol escondido entre as nuvens... Se escondendo.

As tardes de Outono marcavam seus encontros naquele banco. Frias. Calmas.

– Vai ver é o Outono... – disse ela.

– Vai ver isso explica. – disse ele.

– O muro? Não. Esse muro não é daqui... – disse ela.

– Esse muro invisível... – disse ele olhando pra frente.

– Sua voz ainda tá estranha... – disse ela após um tempo.

Silêncio. Pequeno.

– Ei, daqui a uma hora os seres celestiais vão vir nos visitar... Estarão descendo. Eu avisei a todos com um enfeite que eu mesma fiz... Eu estou ansiosa. – disse ela.

– Faz uma hora que apertaram o botão do fim do mundo. Estamos em guerra. Eu tentei avisar a todos, mas ninguém me ouviu... Eu estou com raiva. – disse ele.

Silêncio.

Ela olha para a extensão do banco branco. Sem ninguém.

E ele ‘retribui’ o olhar.

Vai ver o Outono explicava aquilo.

Vai ver os seres celestiais fossem explicar aquilo.

Vai ver a guerra não explicasse nada.

Mas ele estava lá. O muro invisível entre eles.

– Talvez o mundo vá acabar daqui a uma hora... – disseram juntos.

Ele se levanta.

– E eu só queria poder te ver e te abraçar. – ela disse.

Por um momento foi como se tivessem se olhado. Impossível.

Silêncio.

O lado dele era outro do dela. O lado dela era diferente do dele.

Separados por um muro invisível.

Dois mundos invisíveis.

E talvez os mundos fossem acabar daqui a uma hora.